

NOTAS E RECENSÕES

TEXTOS LIDOS NA SESSÃO DE LANÇAMENTO DO LIVRO DE IDÁLIA FARINHO CUSTÓDIO E MARIA ALIETE FARINHO GALHOZ, *MEMÓRIA TRADICIONAL DE VALE JUDEU*, REALIZADA EM LOULÉ, A 14/6/1996

I

Manuel Viegas Guerreiro *

Só muito em cima do tempo, na passada terça-feira, 11, soube que iria apresentar o livro das Dr^{as}. Idália Farinho Custódio e Maria Aliete Farinho Galhoz, que o amável convite do nosso Presidente da Câmara levou sete dias em trânsito. Perdoem-me, pois, as faltas do meu quase improvisado.

De Idália, que sei eu, para além das elogiosas referências que uma e outra vez lhe faz a prima Maria Aliete? Nem um seu *curriculum* pude consultar. Vou aproveitar o melhor que puder o que ressumbra do "Prefácio" que escreveu.

Logo bem integrada na teoria literária da matéria em estudo. E surgem Garrett, Teófilo Braga, com especial e compreensiva menção de quem particularmente se aplicou à investigação popular do Algarve: Estácio da Veiga e Francisco Xavier de Ataíde Oliveira, a quem Loulé, a quem o nosso concelho tem dívida de gratidão que nunca acabará de pagar.

No seguimento da recolha anterior da Maria Aliete e sob seu estímulo, procedeu a Dr^a Idália, com entusiasmo e acerto, à sua, que, segundo Aliete, ocupa dois terços do texto publicado:

Foram horas de gravação atrás de horas, acompanhadas de conversa serena e deslumbrante, carregada de recordações e de saudades de outros tempos. E os romances e os contos desfilaram cobertos de sorrisos e de felicidade, como se estivéssemos a reviver os serões da época, junto do fogo crepitante das lareiras, ouvindo cantar, ao som do dedilhar das palmas molhadas da empreita, lindas histórias que encantavam.

E dá-nos com inteligência e finura, em seu estilo vivo e fluido, bem escolhidos exemplos de toda a matéria do volume. E as últimas palavras do seu "Prefácio" são para reavaliar, em sua profunda significação socio-cultural, o trabalho que ambas realizaram.

De Maria Aliete tenho muito mais que contar: conheci-a, pelos 13 anos, em sala de estudo do Liceu de Faro. Mocinha inteligente, bonita, recatada, sempre com versos nas mãos que nos lia... e associo aqui o meu compadre Prof. Joaquim Magalhães, poderoso estímulo na evolução científico-literária de Aliete, e nem pode ficar de fora,

* Centro de Tradições Populares Portuguesas. Faculdade de Letras. Alameda da Universidade. 1699 LISBOA codex. Portugal.

com análoga presença, o Dr. Virgílio Ferreira, recentemente falecido, e também ele professor do Liceu de Faro.

Foi a Aliete que me deu a conhecer a poesia de Fernando Pessoa. É que, no tempo, a feroz ditadura de Salazar proscovia do ensino escritores modernos e contemporâneos, como Pessoa, Almada Negreiros, Miguel Torga, Régio, Casais Monteiro e muitos outros, não fosse o quietismo imposto sofrer algum perigoso abalo.

E só mais isto: conheci um professor da faculdade de Letras de Lisboa, encarregado da Biblioteca, que mandou retirar das prateleiras as obras de Júlio Diniz, por seu excessivo liberalismo.

Perdoem-me o desvio e tornemos a Aliete. Fui professor dela, de Latim, no 7º ano do Curso Complementar de Letras e confesso que a fiz sofrer um pouco, obrigando-a a comprar uma gramática latina. É motivo que ainda lembramos, agora, até com alguma saudade.

É Maria Aliete uma distinta investigadora no domínio da literatura tanto erudita como popular. Temos trabalhado ambos, primeiro no Centro de Estudos Geográficos e agora no Centro de Tradições Populares Portuguesas da Faculdade de Letras de Lisboa, e, sem qualquer restrição, posso acrescentar que alia Aliete um saber profundo às excelentes qualidades de pesquisadora e, sobre isso, talento literário com que valoriza os textos que vai publicando. E cito só a 1ª edição completa, no tempo, da poesia de Fernando Pessoa, na editora brasileira Aguilar, e recentemente dois volumes de um grande *Romanceiro Popular Português*, com profundo estudo da "Introdução". E também dela ensaios vários sobre Régio, catorze dos quais acaba de publicar em volume editado pela Cosmos.

A Universidade do Algarve, em reconhecimento da sua valiosa obra, vai conceder-lhe Doutoramento *Honoris Causa*, já marcado para o dia 4 de Novembro próximo.

Estas as obreiras da bela *Memória Tradicional de Vale Judeu*, que a Câmara Municipal de Loulé acaba de publicar, para lustro próprio e justo galardão de ambas as autoras.

Aqui tenho diante dos olhos o magnífico, eu ia dizer, apetitoso livro — e apetitoso, sim, e logo em seu uniforme gráfico.

Na capa, formosa casa típica do Algarve rural do princípio do século. Caem os olhos sobre um céu azul, que outro mais belo se não conhece, nem na famosa Grécia. Chaminé bem nossa, ricamente rendilhada, telhas moiriscas a olharem para a caleira da água. Porta de cantaria quase senhoril, de proprietário médio, e, a meter-se com ela, um tufo de piteiras verdes, de tanta serventia no passado, e agora quase postas ao desprezo.

E caminhamos para dentro.

Da estrutura da obra espero que se ocupe a colega Isabel Cardigos.

Assinalo o cuidadoso tratamento filológico dos textos: nem agressiva reprodução fonética para o comum dos leitores, nem descaracterizante normalização ortográfica.

Começa-se com o *Romanceiro*, ou não estivesse Aliete entre os mestres deste género literário. E cito a Pere Ferré, Dias Marques, Vanda Anastácio e João David Pinto-Correia.

Quem se não lembra, com a minha idade, de ouvir cantar romances no campo algarvio?

Notas e Recensões

Vindo Santa Silvana
Encontrou el-rê sê pai,
— Bem podias, tu, Silvana,
Brincares comigo uma noite,
Silvana, como entendida,

.....

do sê corredor um dia
d'amores a cometia
bem podias, filha minha,
dormires comigo um dia.
à sua mãe descobria.

(p. 39)

E do mesmo modo o da *Bela Infanta* e da *Nau Catrineta*. E lembro que se não perde tempo em ler romances. Para além do prazer estético, encontramos neles o Homem de sempre, de todos os lugares.

E vêm os *Contos* como os de "D. Branca" e "Toiro Azul". A realidade e a ficção de mãos dadas em situações do quotidiano que, ainda que mudem épocas e lugares, perpetuamente se repetem, como a lição que nos insinuam.

E as *Orações*? Um abundante e piedoso rosário de trechos para todas as horas e circunstâncias.

Com Deus me deito,
com Deus m'alevanto,
em graça divina
do divino Espírito Santo,
Cobri-me, Senhora,
com vosso divino manto;
s' eu com ele coberta for,
nã tenho medo nem temor,
nem da onda, nem da assombra,
nem da unha encurtinhada,
nem do pesadelo da manfurada.
Quatro anjos m'acompanhem:
S. Lucas, S. Marcos, S. João, S. Mateus,
e meu Devino Senhor Deus.

(p.170)

Santa Teresa de Jesus,
menina de doze anos,
escreveu uma carta a Cristo,
portador qu' a foi levar
foi o fradinho S. Francisco;
e S. Francisco ia descalço,
vestidinho de bruel,
foi visitar a São Manuel,
qu' é nosso Imparador,
emparai as nossas almas,
p'ra quando deste mundo for.

(p.183)

Depois das *Cantigas narrativas*, finalmente o *Cancioneiro*. Acervo de *quadras*, chamemos-lhes *cantigas*, que para se cantarem foram inventadas, e até para dançar. A tia Feliz, de Pitões, só dançando me cantava as quadras.

Uma religiosa:

Ó meu menino Jesus,
boquinha de sangue e leite,
vossa mãe é uma rosa
vosso pai um ramalhete.
(p.293)

Esta, profana:

O alecrim da chapada
é comprido, nã faz moita,
é como o rapaz solteiro,
quer casar e nã s' afoita.
(p.335)

E vou terminar. Textos muito belos, sã doutrina ao alcance de todos.

Serviço prestimoso e desinteressado este que ao concelho e ao País prestaram as Dr^{as}. Idália Farinho Custódio e Maria Aliete Farinho Galhoz. De parabéns estão, pois, as duas autoras e a Câmara Municipal de Loulé, que tomou à sua conta esta magnífica edição.

II

Isabel Cardigos *

Sinto-me feliz e honrada por vir aqui falar-vos de *Memória Tradicional de Vale Judeu*. Quer acreditem quer não, estou aqui sem ser convidada! Recebi, sim, um amável convite assinado pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Loulé para vir assistir ao lançamento deste livro; os seus apresentadores eram o Prof. Viegas Guerreiro e —li com espanto!— eu própria! Foi assim que só esta semana fiquei a saber que aqui estaria. Não tive, pois, o tempo que desejava para fazer as devidas honras a este livro, que tanto o merece.

Foi há cerca de um ano que a Dra Maria Aliete me confiou o segredo de um livro que se preparava —um livro cuja génese surgira há já mais de 30 anos, a partir de recolhas então feitas por ela em Vale Judeu e que foi crescendo por surtos distanciados de anos devido ao trabalho de recolha e transcrição da Dra. Idália Farinho Custódio.

A história de *Memória Tradicional de Vale Judeu* é aliás mais bem contada pela Dr^a Idália no prefácio. Um prefácio para que remeto os futuros leitores e que fala do livro como “o fruto dum trabalho colectivo, dum grande amor fraterno e de uma grande consciência cultural”. Sem dúvida.

Antes de mais, este livro é da Dr^a Idália Custódio e da Dr^a Maria Aliete Galhoz. O grosso do trabalho de recolha e as transcrições ficaram a cargo da Dr^a Idália, que também prefaciou o livro, e as notas que referenciam e esclarecem muitos dos textos

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 FARO. Portugal.

Notas e Recensões

são da responsabilidade da Dr^a Maria Aliete, que o faz com o escrúpulo e o rigor que lhe conhecemos. Depois, é das mulheres de Vale Judeu.

É um trabalho que se teceu entre duas mulheres e que se propôs revelar a voz de muitas outras, congregando a sua memória e os seus saberes. Note-se que, de facto, quase todos os informantes desta obra são mulheres.

Ora este livro é um documento precioso. É o registo do património cultural de Vale Judeu, um património não de pedra, mas de linguagem: da voz que transmite uma tradição que desce ao fundo dos tempos.

Parece-me significativo que o monumento que é este livro que agora vem a público seja o resultado do entretecer de histórias, rimas, orações, recriadas num espaço íntimo de cumplicidade amiga entre mulheres. Mulheres essas que estão constantemente presentes, porque cuidadosamente referenciadas junto de cada um dos seus textos, e a quem o prefácio presta a devida homenagem. E sabe-me bem ter, embora muito ao de leve, ajudado num espaço lateral da organização deste livro, e poder, desta maneira, juntar-me ao grupo...

Através da memória da gente de Vale Judeu, este livro reflecte uma memória mais vasta que se integra no espaço algarvio, que por sua vez espelha uma tradição peninsular. No que diz respeito aos contos (e só sobre eles me vou pronunciar, porque só com essa área estou familiarizada), praticamente de todos estes textos existem versões noutras partes de Portugal, em Espanha, noutros países da Europa e mesmo de fora da Europa. Por conseguinte, este livro não só guarda a expressão fielmente traduzida de uma tradição oral específica de Vale Judeu, mas guarda também um tesouro que nos pertence a todos, um tesouro que é trans-europeu e se perde na noite dos tempos (e que, aliás, se está actualmente a perder: note-se que várias das informantes já faleceram e todas elas têm mais de 60 anos — o que significa que as gerações mais novas já não são portadoras deste saber).

Temos aqui esplêndidas versões de contos maravilhosos: aqueles contos em que o maravilhoso, os encantamentos, não causam espanto, são a própria substância de que se tece o conto. São precisamente os contos maravilhosos aqueles que mais vulneráveis se têm mostrado ao passar do tempo, aqueles que os informantes esqueceram, ou que relembram com dificuldade, empobrecendo-os, estropiando-os. Tal não é o caso dalgumas das versões aqui transcritas. “A Filha da Estalajadeira”, por exemplo, é uma versão da *Branca de Neve*, semelhante à que aparece na colectânea de Consiglieri Pedroso *Contos Populares Portugueses* (há cerca de cem anos), na forma que está mais radicada na Europa, mas esta versão tem variantes em relação ao padrão peninsular que podem denotar vitalidade criativa no processo de transmissão. É, pois, uma versão que tem raízes medievais, muito mais próxima de uma versão do séc. XIII num *lai* de Marie de France (*Eliduc*), do que da versão banalizada por Walt Disney.

Há outro conto que tem aqui uma riquíssima versão: aquele que é sobretudo conhecido em Portugal com o nome de “Brancaflor” e aqui aparece com o nome de “D. Branca”. Está aparentada, entre outras, com uma versão de Salir publicada pelo ilustre louletano de adopção Ataíde Oliveira, “Branca Flor ou a Filha do Diabo”. Só que a narrativa recolhida em Vale Judeu da informante Dona Maria da Boa Hora lembra coisas que, há cem anos, não lembrava à filha do Diabo: ao instruir o herói para que não revele ao pai a sua ajuda, Brancaflor fá-lo dizer o seguinte, na versão de Ataíde Oliveira: “Se eu vi Branca Flor, Santo António me leve!”. Nesta versão diz o herói, muito mais articulado:

O Santo António é Santo,
e o santo me leve a mim,
se eu vi Dona Branca,
ou se eu com ela fali.

(p.103)

Aqui há duas hipóteses, ambas possíveis: ou o processo de transmissão foi aquilo a que chamamos *activo*, enriquecendo, portanto este passo do conto, ou Dona Maria da Boa Hora se lembra ainda de coisas que a narradora de há cem anos já tinha esquecido. Aparece também neste conto uma variante curiosíssima. Para vo-la oferecer, permito-me resumir a última parte do conto. Brancaflor e o herói conseguem fugir da terra do Diabo, mas este roga-lhe uma praga, que faz com que o herói a esqueça. Conforme as versões, assim os diferentes recursos que Brancaflor usa para que o herói se volte a lembrar dela. Aqui —e só nesta versão— Brancaflor resolve ensinar um papagaio a quem conta a vida dela. No banquete do casamento do herói com outra mulher, Brancaflor, em diálogo com o papagaio, consegue o que pretende: o herói lembra-se, rompe o noivado e casa com ela. Numa versão desta história que aparece na colectânea de Teófilo Braga *Contos Tradicionais do Povo Português*, e que se chama “A Filha do Rei Mouro”, a heroína, também convidada para o banquete de núpcias do seu amado, faz um acto de prestidigitação com duas pombas que, em diálogo uma com a outra, conseguem que o rapaz se lembre da antiga namorada. Com a versão de Vale Judeu, não são pombas, é um papagaio. Suspeito que este papagaio tenha “voado” para este conto de um outro, que, por sinal, também aparece em *Memória Tradicional de Vale Judeu*, “Os Meninos com Estrela de Ouro na Testa”: neste conto costuma ser um papagaio quem tem o papel de, no fim, desmascarar os maus perante o rei. Só que na versão de Vale Judeu (também de Dona Maria da Boa Hora), não há papagaio; são os heróis que se desempenham dessa função. O papagaio... voou ou não voou? São estes intercâmbios entre diferentes contos que, se feitos com sensibilidade criativa, os enriquecem, integrando assim novas formas nesse constante diálogo que é a corrente da tradição oral.

“Que é”, não. Que *era*. O diálogo que gerava contos doutros contos, rimas doutras rimas, formas doutras formas, não era inesgotável. Vai perdendo a voz. A televisão impera e não se compadece com o lazer dos serões em conversa amena. As pessoas conversam menos, há novos ritmos, novos ruídos, que mal permitem o convívio. Os contos e as narrativas precisam de um espaço de disponibilidade e silêncio. Só aparecem no desfiar das conversas se forem convidados. E os tempos que correm não são convidativos.

Mas não há que ser pessimista. Outras formas surgirão, fruto do nosso tempo. A nostalgia vem de sentirmos o que está a desaparecer, sem ter ainda a noção do que se prepara para nascer. Mas o certo é que, em obras como esta, podemos guardar a memória de uma tradição preciosa que nutre as raízes da nossa identidade cultural.

Queria terminar com um conto para que a Dr^a Maria Aliete me chamou a atenção e que parece ser, em Portugal, uma raridade arqueológica. Refiro-me ao conto religioso “O Diabo na Arca de Noé”. Tanto a Dr^a M. Aliete como eu procurámos versões portuguesas e espanholas deste conto. Em vão. O índice internacional de Aarne-Thompson dá-nos conta de um estudo de um americano a partir de 280 versões deste conto, e menciona versões na Rússia, na Estónia, na Polónia, na Irlanda...

Notas e Recensões

Haverá versões em Espanha? Em Portugal sabemos agora que há uma registada em livro: a de Vale Judeu!

Para terminar, permitam-me que vos leia o conto que, como nos é dito em nota, serve para explicar uma oração que faz parte de um ritual muito curioso: o de lavar a cara e as mãos ao levantar, em jejum ¹.

Estão de parabéns a Dr^a Idália, a Dr^a Maria Aliete, todas as suas colaboradoras de Vale Judeu. Está de parabéns a Câmara Municipal de Loulé, por ter publicado este livro. Só posso desejar que ele sirva de estímulo a outros trabalhos que mereçam, como este, o apoio e o brava de todos nós. Parabéns!

BONS VENTOS DE ESPANHA

Isabel Cardigos*

Em 1995, apareceram, em língua espanhola, dois livros que nos dão esperança de que, enfim, o conto tradicional venha a ser sistematicamente estudado em Portugal num âmbito europeu e internacional. O primeiro é *Los tipos del cuento folklorico* ¹, tradução espanhola de *The Types of the Folktale, vade mecum* dos estudiosos de contos tradicionais no mundo inteiro. Desde que foi inicialmente publicado em 1928, o "Aarne-Thompson" (nome por que é conhecido na comunidade internacional de estudiosos que o usa) tornou-se o dicionário de uma *lingua franca*, a partir da qual os especialistas de todas as nações se entendem entre si. Dentre os que, no mundo, dele se têm vindo a servir, houve quem (nomeadamente na América do Sul) o adaptasse em catálogos e índices nacionais, contribuindo, por sua vez, para que novos tipos e versões viessem a ser incluídos na revisão de *The Types of the Folktale* quando, em 1961, o Índice foi re-publicado nas *Folklore Fellows Communications*. Com todas as suas insuficiências e imperfeições, o "Aarne-Thompson" continua a ser imprescindível, entre os estudiosos do conto: só é ponto de discussão porque, antes de mais, é ponto de encontro.

Há já 50 anos que o americano R. S. Boggs tinha publicado (também nas *F F Communications*) uma adaptação do "Aarne-Thompson" aos contos espanhóis (*Index of Spanish Folktales*, Helsínquia, 1930). Acontece que, talvez devido a uma inexplicável indiferença da editora finlandesa por uma eficaz divulgação das suas publicações fora de um círculo muito restrito, este índice em inglês nunca foi conhecido nem traduzido em Espanha. E se, em Portugal, o "Aarne-Thompson" é conhecido de muito poucos,

¹ Seguiu-se a leitura do conto, que, na obra, se encontra nas pp. 135-137.

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 FARO. Portugal.

¹ Aarne, A. & Thompson, S., *Los tipos del cuento folklorico: Una clasificación*, "FF Communications", nº258, trad. de Fernando Peñalosa, Helsínquia, Academia Scientiarum Fennica, 1995.